

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS DE PALMAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM TEATRO

**RONALDA RODRIGUES PINTO**

**O TERÇO CANTADO E O ALTAR DOS SANTOS NA REZA DE  
SÃO SEBASTIÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA BARRA  
DO AROEIRA**

Palmas  
2021



**RONALDA RODRIGUES PINTO**

**TERÇO CANTADO E O ALTAR DOS SANTOS NA REZA DE  
SÃO SEBASTIÃO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA BARRA  
DO AROEIRA**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Palmas, Curso de Licenciatura em Teatro para obtenção do título de Licenciada em Teatro e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr Ricardo Ribeiro Malveira

Palmas/TO  
2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

P659t Pinto, Ronalda Rodrigues.

Terço cantado e o altar dos santos na reza de São Sebastião na comunidade Quilombola Barra do Aroeira. / Ronalda Rodrigues Pinto. – Palmas, TO, 2021.

39 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Artes, 2021.

Orientador: Ricardo Ribeiro Malveira

1. Barra do Aroeira. 2. Reza. 3. Poéticas Híbridas. 4. Cena. I. Título

**CDD 790**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

RONALDA RODRIGUES PINTO  
TERÇO CANTADO E O ALTAR DOS SANTOS NA REZA DE SÃO SEBASTIÃO NA  
COMUNIDADE QUILOMBOLA BARRA DO AROEIRA

Monografia/Artigo apresentada/o  
à UFT – Universidade Federal do  
Tocantins – Campus  
Universitário de Palmas, Curso  
de Teatro, foi avaliada para a  
obtenção do título de Licenciada  
em Teatro e aprovada em sua  
forma final pelo Orientador e pela  
Banca Examinadora.

Data de Aprovação 14/05/2021

Banca Examinadora:



---

Prof. Dr. Ricardo Ribeiro Malveira, (orientador), UFT



---

Profa. Dra Noeci Carvalho Messias, examinadora, UFT



---

Profa. Dra Renata Ferreira da Silva, examinadora, UFT

*Dedico este trabalho à minha querida mãe,  
Luiza Maria Rodrigues.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que sempre esteve e está comigo em todos os momentos.

Agradeço ao meu querido pai, Caetano que nunca me deixou desistir. Te amo muito. E a toda minha família.

Agradeço à minha tia, Eva Rodrigues por permitir que esta história fosse contada, muito obrigada mesmo. A todos os envolvidos na Reza o meu muito obrigado.

Agradeço ao meu companheiro Heitor Oliveira pelo seu apoio, cumplicidade, cuidado, carinho e tudo que você representa pra mim.

Quero fazer um agradecimento especial para todos os professores que passaram por mim nessa trajetória, em especial meu orientador querido Ricardo Malveira e minha professora de extensão Renata Patrícia. São muitos os professores que me marcaram, deixo aqui todo o meu agradecimento.

Todos esses anos de Universidade, conheci, convivi com muitas pessoas e sei que vou levá-los para toda vida. Um agradecimento especial ao projeto de extensão UMA VEZ TEATRO e MATURIDADE EM CENA, onde aprendi uma riqueza infinita de conhecimentos. Obrigada Renata Patrícia, Fernanda Moreira e Patrícia de Sá.

## RESUMO

O presente trabalho aborda a reza de São Sebastião e o altar dos santos, conforme vivências culturais na comunidade quilombola de Barra do Aroeira, município de Santa Tereza-TO. O objetivo é discutir sobre as contribuições desse imaginário para um processo criativo em práticas híbridas de cena e para a manutenção das tradições na comunidade. O caminho metodológico, inserido no contexto da formação docente, é autobiográfico e investigativo, incluindo pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e um exercício poético ligado à cultura local. Colocando a reza de São Sebastião e seus contextos como lugar de saber possível de ser apreciado, consultado e analisado, o trabalho contribui para o diálogo entre a ancestralidade e os ensinamentos do teatro e, na medida do alcance da proposta, para o fortalecimento de ações na direção das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

**Palavras-chaves:** Barra do Aroeira. Reza. Poéticas híbridas. Cena.

## ABSTRACT

The present work deals with the prayers of São Sebastião and the altar of the saints, according to cultural experiences in the quilombola community of Barra do Aroeira, municipality of Santa Tereza-TO. The objective is to discuss the contributions of this imaginary to a creative process in hybrid scene practices and to the maintenance of traditions in the community. The methodological path, inserted in the context of teacher education, is autobiographical and investigative, including bibliographic research, field research and a poetic exercise linked to local culture. Placing the prayer of São Sebastião and its contexts as a place of knowledge that can be appreciated, consulted and analyzed, the work contributes to the dialogue between ancestry and the teachings of the theater and, to the extent of the scope of the proposal, for the strengthening of actions in the direction of the National Curriculum Guidelines for the Education of Ethnic-Racial Relations and for the Teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture.

**Key-words:** Barra do Aroeira. Pray. Hybrid poetics. Scene.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 - Barra do Aroeira - Foto Ricardo R. Malveira.....	15
Imagem 02 - Reza - Eva e seu marido Elzo na reza. Fonte: Arquivo pessoal, 2017.....	16
Imagem 03 - Eva Rodrigues de frente para o altar.....	19
Imagem 04 - Reza - Eva e sua família, 2021.....	21
Imagem 05 - Local escolhido para realizar a reza, 2021.....	23
Imagem 06 - Quintais vassorados.....	24
Imagem 07 - Evanilisa fazendo macarrão - Tacho com Canjica.....	25
Imagem 08 - Salada e roscas fritas.....	25
Imagem 09 - Montando o altar.....	26
Imagem 10 - Eva chamando para rezar - Saída com o Santo.....	26
Imagem 11 - Composição para o altar para apresentação do trabalho da disciplina Matrizes Culturais: Lembranças, 2017.....	28
Imagem 12 - Primeiro experimento de cena, na plataforma Google Meet .....	29
Imagem 13 - Experimentos de cena na plataforma Instagram.....	30
Imagem 14 - Experimento de cena no ambiente branco.....	30
Imagem 15 - Colocando a toalha.....	32
Imagem 16 - Flores e Vela.....	32
Imagens 17 e 18 - A entrada dos Santos.....	32
Imagem 19 - Guardar os Santos.....	33
Imagem 20 - Imagem da Câmera subjetiva no experimento.....	34
Imagem 21 - Imagem da Câmera subjetiva no experimento - Luzes para os Santos.....	34
Imagem 22 - Imagem da Câmera subjetiva no experimento.....	34

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

UFT

Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>CONHECER O UNIVERSO DA REZA DE SÃO SEBASTIÃO NO POVOADO DE BARRA DO AROEIRA</b>	<b>14</b>
<b>PERCURSO DO TRABALHO AUTOBIOGRÁFICO COM PRÁTICAS CULTURAIS</b>	<b>21</b>
2.1 De volta à reza	23
2.2 Uma cena da reza a partir do trabalho de poética híbrida	27
2.3 Diários do Experimento: Cena - Lembranças do dia de São Sebastião	28
<b>POÉTICAS HÍBRIDAS: IMPRESSÕES E SUBJETIVIDADES</b>	<b>31</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>35</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>36</b>

## INTRODUÇÃO

Quilombola do Povoado Barra do Aroeira, acadêmica do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins, (UFT), venho por meio desta pesquisa dialogar e refletir sobre a tradição da reza de São Sebastião. O entendimento da importância deste trabalho e suas contribuições somaram-se às muitas dúvidas sobre o tema da minha pesquisa de conclusão de curso. Compreendi que este era um tema fundamental para contar um pouco de minha história e ancestralidade, um diálogo com a cena, o ensino, mantendo o sentimento de prazer em escrever. O tempo foi passando na graduação, as disciplinas indo e vindo, surgiu a ideia em uma de minhas aulas de poder falar sobre a Reza de São Sebastião. Fiquei bastante animada, porque é uma tradição de família que vem de gerações e gostaria de contar como acontece. Escrever sobre a cultura da Reza no Povoado e de como é importante para a comunidade manter as tradições, para mim é uma grande alegria e um reconhecimento para a comunidade. A tradição vem se mantendo ano a ano, com as rezadeiras, familiares e principalmente as crianças que vão aprendendo cada vez mais com o tempo, sendo inseridas para manter a tradição. Esta pesquisa, intitulada “Terço cantado e o altar dos santos na reza de São Sebastião”, está no campo das práticas culturais e tem como tema a reza. O nosso recorte está nas contribuições da Reza de São Sebastião no povoado de Barra do Aroeira.

Esta pesquisa no campo das práticas híbridas da cena utiliza o método de autobiografia. “De acordo com Nóvoa e Finger a utilização do método (auto) biográfico nas ciências da educação é relativamente recente. Essa perspectiva metodológica surgiu inicialmente na Alemanha no final do século XIX, como uma alternativa sociológica ao positivismo” (SANTOS; GARMS, 2014, p. 4095). As autoras esclarecem que “[...] o método biográfico foi concebido como a ciência das mediações capaz de traduzir comportamentos individuais ou microsociais” (SANTOS; GARMS, 2014, p. 4095). O problema da pesquisa está em como o trabalho autobiográfico em práticas híbridas de cena pode ser um caminho metodológico significativo para a formação do docente em teatro e contribuir para a valorização de práticas culturais como “Reza de São Sebastião no povoado de Barra do Aroeira”?

No dicionário online, a palavra terço, tem como significado: “a terça parte do rosário, composta de cinco dezenas de contas, para a reza de ave-maria, intercaladas por cinco contas,

correspondentes ao padre-nosso”<sup>1</sup>. O terço está presente em muitas práticas religiosas no Brasil. Na comunidade de Barra da Aroeira tem tradição na prática de reza onde ressaltos os elementos, o terço cantado e o altar dos santos. Os terços cantados na reza são caracterizados “[...] como prática social no momento em que estabelece, mesmo que implicitamente condições a serem seguidas para sua execução, lugar, integrantes, intenções” (NASCIMENTO; PAULA, 2015, p. 304).

O altar é um lugar físico de práticas populares e está presente em muitas rezas. Voltando ao dicionário online para averiguar o sentido desse e outros termos ligados à religiosidade, verificamos que, na antiguidade, o altar era “mesa para os sacrifícios; ergueu um altar aos deuses. Mesa onde é celebrada a missa; Espécie de mesa destinada aos sacrifícios em qualquer religião”<sup>2</sup>. Composto estes elementos primordiais para a reza, temos as imagens dos santos, “que se refere à divindade; considerado sagrado; Relacionado com religião, com ritos sagrados; Que recebeu canonização, passando a ser cultuado pelos fiéis”<sup>3</sup>. A reza configura o evento que reúne as pessoas da comunidade. A prática da reza é “ato ou efeito de rezar, de suplicar a Deus ou aos Santos; Súplica à divindade; prece, oração; Palavras para benzer e supostamente afastar o mal ou curar doenças; Postura corporal da pessoa que está rezando, de joelhos e com as mãos juntas, diante do peito”<sup>4</sup>.

A proposta de pesquisa no campo das Artes, mais precisamente nos processos criativos de cena, dialoga com a reza de São Sebastião na comunidade de Barra do Aroeira buscando produzir práticas híbridas de cena. O professor e pesquisador Vinícius Lírio nos fala das “teatralidades híbridas na cena contemporânea” (FERNANDES, 2010 apud LÍRIO, 2015, p. 48), para se referir às poéticas cênicas “nas quais se articulam linguagens e múltiplos enunciadores do discurso cênico em autonomia” (LÍRIO, 2015, p. 48). Propomos um caminho de experimentação poética que articula expressões como a cultura popular, a performatividade e a dramaticidade. O formato da proposta se estruturou no audiovisual tendo em vista as condições de produção poéticas de pesquisa impostas no período da pandemia de Covid-19. Estão em jogo na cena, memórias, ancestralidades e todo um campo de subjetividades estéticas comuns nas artes da cena.

---

<sup>1</sup> Dicionário Online de português - disponível em endereço: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=ter%C3%A7o> Acesso no dia: 01/03/2021

<sup>2</sup> Dicionário Online de português - disponível em endereço: <https://www.dicio.com.br/altar/> Acesso: 01/03/2021

<sup>3</sup> Dicionário Online de português - disponível em endereço: <https://www.dicio.com.br/santo/> Acesso: 01/03/2021

<sup>4</sup> Dicionário Online de português - disponível em endereço: <https://www.dicio.com.br/reza/> Acesso: 01/03/2021

A reza acontece no Povoado Barra do Aroeira, que fica a 96 km da cidade de Palmas, e cerca de 12km do município de Santa Tereza do Tocantins, ao qual pertence o Povoado. A reza é realizada na casa de Eva Rodrigues e é um momento de reunir a família, colocar a mão na massa, para que o evento aconteça, cada um ajuda de alguma forma, seja na cozinha ou organizando o local onde será montado o altar dos santos com velas, flores e imagem de São Sebastião.

O objetivo geral da pesquisa foi discutir sobre as possíveis contribuições de um trabalho autobiográfico em práticas híbridas de cena como caminho metodológico significativo para a formação do docente em teatro e a valorização de práticas culturais delimitadas como “reza de São Sebastião no povoado de Barra do Aroeira”. Este estudo teve ainda como objetivos específicos conhecer o universo da reza de São Sebastião no povoado de Barra do Aroeira; descrever as etapas do trabalho em processo criativo autobiográfico em práticas culturais; analisar as contribuições das práticas híbridas de cena em torno do trabalho autobiográfico sobre a reza de São Sebastião no povoado de Barra do Aroeira, como caminho metodológico significativo para a formação do docente em teatro e valorização da cultura.

A metodologia desta pesquisa é composta por uma pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo na reza de São Sebastião, uma prática experimental com laboratórios e apresentação performativa. Os autores principais que trazemos para dialogar na pesquisa são Rodrigues (2017), Bião (2007), Bhabha (1998), Lírio (2015), Malveira (2015), entre outros.

O cronograma de trabalho foi dividido em encontros de orientação, escrita e pesquisa, pesquisa de campo, análise de dados, laboratórios, apresentação e escrita final. O texto está dividido em introdução, três capítulos e considerações finais.

Este trabalho se justifica com a importância do trabalho autobiográfico em práticas híbridas de cena que são caminhos metodológicos significativos para a formação do docente em teatro e podem contribuir para a valorização de práticas culturais como a reza de São Sebastião no povoado de Barra do Aroeira.

## 1. CONHECER O UNIVERSO DA REZA DE SÃO SEBASTIÃO NO POVOADO DE BARRA DO AROEIRA

*“Vamos rezar o terço que eu também quero ajudar,  
vamos rezar o terço que eu também quero ajudar,  
eu sou romeira de longe não posso mais demorar.  
Tenho fé em nossa senhora aquela lá do altar,  
ela é quem nos ajuda cá na terra nós passar”.*

(Terço cantado)

Povoado Barra do Aroeira, mais conhecido como Comunidade Quilombola Barra do Aroeira, fica localizada no município de Santa Tereza do Tocantins, cerca de 96 km da capital Palmas e 12 km do município. Fica no km 15 da rodovia TO-247. A comunidade foi reconhecida pela Fundação Cultural Palmares, no dia 16 de janeiro de 2006. A história começa com Félix José Rodrigues que lutou na guerra contra o Paraguai. Segundo Rodrigues (2017, p. 35), “a guerra do Paraguai foi um conflito militar sangrento que ocorreu na América do Sul entre os anos de 1864 a 1870, nesta guerra o Paraguai lutou contra a tríplice aliança formada por Brasil, Argentina e Uruguai”. Nessa época, Félix morava com sua família no interior do Piauí, e seu filho foi convocado para lutar na guerra. Com receio de perder seu filho, ele se colocou à disposição e foi para o lugar do filho. Foram três anos de luta, saindo assim vitorioso,

Com o término da guerra o então imperador do Brasil Dom Pedro II reuniu todos os soldados participantes da guerra e lhes perguntou o que eles queriam como recompensa por o trabalho prestado ao Brasil? Alguns responderam que queriam dinheiro, outras medalhas, o patriarca Félix José Rodrigues por sua vez respondeu que queria um pedaço de terra para viver com toda a sua família e enquanto existir um ser o dono. (RODRIGUES, 2017, P.36).

E assim surgiu o povoado Barra do Aroeira. Nos dias de hoje, moram na comunidade cerca de 120 famílias. Na imagem seguinte, podemos ver a Escola Municipal Horácio José Rodrigues e um panorama da comunidade a partir da sombra de uma majestosa árvore.



Imagem 01 - Barra do Barra do Aroeira - Foto Ricardo R. Malveira

A reza de São Sebastião, teve início muito tempo atrás, com a minha avó Alcanja Maria Rodrigues, por causa de uma doença grave que acometeu suas duas filhas, Eva e Nastácia. Segundo Eva (minha tia), as pessoas que iam visitá-las, falavam que não tinham chances de sobreviver, devido ao agravamento da doença. Foi nesse momento que Alcanja fez uma promessa para São Sebastião salvar suas filhas. Segue o relato da história segundo Eva Rodrigues:

*“Minha mãe, minha mãe, que era eu e a finada Nastácia, doente aí mali mesmo, mali mesmo, um chegava e dizia assim, essa aqui não manhesse o dia, e o outro dizia, não esta daqui é que não manhesse o dia, aí a conversa era essa, aí mãe... foi no tempo da tosse braba, aí mãe fez uma promessa com São Sebastião. Mãe rezava no dia 20 de Maio, que da certo 20 de janeiro, aí ela mudou pra rezar em todo janeiro, dia mesmo do santo, que ela não sabia mesmo o dia do santo” (20/01/2021)<sup>5</sup>.*

A reza acontece sempre de forma muito singela como podemos ver na imagem seguinte com altar, mesa, pessoas ao redor, velas e santos:

---

<sup>5</sup> Trecho de transcrição de conversa com Eva Rodrigues - 20/01/2021



Imagem 02- Reza - Eva e seu marido Elzo, na reza. Fonte: Arquivo pessoal, 2017.

Este relato poucos conhecem a fundo, somente os mais velhos têm essa lembrança. Desde pequena, conheço o evento como a reza de tia Eva. Dona Eva conta também que sua mãe dizia o seguinte:

*“Quando tava se sentindo doente ela falou... oia eu vou falar um negócio aqui, eu tenho essa promessa que eu rezo dia São Sebastião, que eu fiz pra vocês... pra a Nastacia e Eva, essa promessa... aí ela contou o caso da promessa, igual eu tô contando pra você, é pá... o que eu sei que não vou escapar dessa, é pá ficar, pá rezar no dia de São Sebastião... e é você Eva, e é você. O que que vou dizer? Eu dou graças à Deus, deu hoje tá viva e Deus vai de permitir muito e muito anos de vida, não só pra mim como pra nós tudo. Vocês ajudam ela na despesa, cada um dá uma coisa, outro dá outra e faz a reza” (20/01/2021)<sup>6</sup>*

E assim foi feito. Estas falas trazem lembranças significativas e que serão usadas no processo de criação do experimento desta pesquisa. De acordo com Nascimento e Paula (2015, p. 301),

<sup>6</sup> Transcrição de conversa com Eva Rodrigues - 20/01/2021

[...] é transmitida como uma espécie de “herança” repassada pelos mais velhos aos mais novos na esperança de que não se perca a tradição recebida de antepassados, além de reforçar a convicção de que essa transmissão se dá, mais fortemente, na oralidade dentro da cultura popular.

Na comunidade, as crianças participam de todas as rezas, por isso é tão importante a presença e participação dos mais jovens, para que a cultura da reza não se perca quando os mais velhos não estiverem mais presentes, assim a cultura e a tradição permanece viva. Há 32 anos desde a morte de sua mãe que Eva Rodrigues vem rezando para São Sebastião. No dia do santo são feitas quatro rezas em casas e horários diferentes. A primeira acontece na casa de Edna Rodrigues, às 08:00hs da manhã, como é de costume todas as rezadeiras participam, logo em seguida às 11:00hs é a vez de rezar com Dona Erminia, depois Eva ao meio dia e por último Andreia às 18:00hs. Todas fazem parte da família Rodrigues. E assim se encerram as rezas de São Sebastião no povoado. Todas essas rezas são feitas por algum motivo específico, promessas que foram feitas, mas que não entraremos em detalhes porque o foco mesmo é a reza organizada pela minha tia, Eva Rodrigues. Segundo Marcos Silva, a partir dos estudos sobre Câmara Cascudo, o “povo é marcado por uma densa religiosidade que deixa raízes no sentimento” (2006, p. 274). Esclarece ainda que:

“A religiosidade deixa transparecer o sentimento do sagrado. “ A religião é uma realidade psíquica. Sua tradução é relativa ao ambiente cultural que envolve uma espécie de ritualística.” O rito integra no sagrado. (“O Padre-nosso da Velha Cosma”, “Posição de Orar”.)” (SILVA, 2006, p. 274)

O terço está presente em muitas práticas religiosas no Brasil. Na comunidade de Barra da Aroeira tem tradição nesta prática que tem como elementos o terço cantado e o altar dos santos. Na região do Tambiocó no município de Catalão - GO, a prática trás os homens a frente do terço cantado:

Para se cantar o terço, são necessários seis rezadores/cantadores, divididos em dois grupos de três: dois tiradores (voz mais aguda e responsáveis pelo oferecimento); dois ajudantes (voz mais grave, mais forte); dois põe contraste (voz mais fina e que cantam mais alto). Os rezadores podem ser homens ou mulheres, porém o que se percebe é que raramente uma mulher participa da solenidade, isso só ocorre se um dos homens faltar para que não haja um desfalque e a impossibilidade de se rezar. (RICCI, 2011, p.305)

Na comunidade Barra do Aroeira, são as mulheres que estão à frente do terço cantado na reza, tendo alternância de pequenos grupos. As rezadeiras, que são responsáveis

por conduzir a sequência de cantos e preces, começam a cantar cada parte do rito, e os demais grupos de mulheres respondem, cada um no seu turno. Os grupos estão posicionados mais próximos ou mais distantes do altar. Isso dá uma distribuição dos cantos no espaço. O grupo mais próximo das rezadeiras é o da família. E este grupo, por sua vez, também está mais próximo do altar. O canto das rezadeiras é dividido em duas vozes, uma mais grave e outra mais aguda. Segundo Nascimento (2015, p. 314),

[...] a oralidade está diretamente ligada à cultura popular como uma das responsáveis pela sua manutenção e propagação dos eventos que unem os moradores de um mesmo lugar, definindo-os como iguais em suas culturas. Além, é claro, de ser a maneira mais popular de transmissão de conhecimentos, pertencentes à cultura de cada região, pelos seus participantes.

A cultura do terço cantado no povoado é passada através da oralidade, assistindo os mais velhos cantarem, uma tradição de levar e manter as crianças desde cedo perto do altar para assim, ouvir, familiarizar e aprender essa cultura tão rica. Cada cultura tem o seu costume e maneira de ser.

Portanto, é importante conhecer as características da cultura popular pertencentes a cada povo para que possa existir a manutenção e o respeito a cada uma das manifestações, sem jamais acreditar que uma seja mais elaborada e importante que a outra. Desta feita, as diferentes culturas (popular, erudita e de massa) podem conviver sem que uma tente desfazer-se da outra. (NASCIMENTO, 2015, p. 315)

A reza de Eva Rodrigues é composta por um altar dos santos. Segundo Pinto (2020, p. 62), “O Altar manifesta o lugar onde Cristo antecipa o mistério da sua redenção, é ele que o determina ao mesmo tempo que evoca em nós a dimensão sobrenatural da presença do Senhor”. Observamos na próxima imagem a devoção e reverência diante do sagrado. Mesmo nesses tempos difíceis de pandemia, minha tia não deixou de rezar.



Imagem 03 - Eva Rodrigues de frente para o altar. Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Na imagem, podemos perceber que, mesmo com a pandemia, Eva (minha tia) tentou manter a tradição, com a utilização de medidas de proteção contra o coronavírus<sup>7</sup>. Podemos perceber nas imagens a forma como acontece a reza, cada etapa, cada detalhe, para então chegar ao momento de rezar, cantar o terço. O pesquisador Carlos Alexandre Pinto enfatiza que na reza temos “Rito, Sinal e Símbolo. Os gestos e atitudes estão intimamente ligados a estes. Uma vez que é nossa intenção olhar o Rito da dedicação do Altar, importa termos ideias mais claras sobre esta forma expressiva que a Igreja usa para viver a fé” (2020, p. 59). Carlos Alexandre Pinto (2020, p. 59) considera que:

Retenhamos aquilo que é próprio de um rito: 1. É uma ação que tem uma estrutura institucionalizada; 2. É uma ação programada e repetitiva; 3. Nasce de um grupo humano com necessidade de integrar os seus membros com outros grupos humanos por meio de uma realidade na qual estão totalmente imersos e 4. É uma forma de socialização do sagrado ou transcendente.

Desde de que meu interesse se firmou na história da reza de São Sebastião, venho percebendo que os anos se passam, mas o rito de como ocorre a reza continua o mesmo, as questões de arrumação, montagem do altar, entrada e saída dos santos, assim por diante. O altar é um lugar de fé, “O Altar é Cristo”<sup>8</sup>, onde colocamos nossa vida diante do Senhor para pedir, agradecer e “a fé convoca os sentidos humanos que são expressão de uma relação com

<sup>7</sup> A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. Disponível em endereço: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca> Acesso:05/05/2021

<sup>8</sup> Afirmação de S. Cirilo de Alexandria no séc. V ao comentar o texto de Ex 20, 24. Cit. Por OLIVEIRA, Dom Tomás Gonçalves de – O Altar. Ora & Labora: Revista Litúrgica Beneditina. Mosteiro de Singeverga. Ano II, Nº 4 (1955, p. 188-195 apud PINTO, 2020, p. 62).

Deus”<sup>9</sup>. Por isso o não desistir perante as dificuldades, estar firme, seguir em frente. Como já comentei no texto, minha tia estava com receios de realizar a reza por causa do momento que estamos vivendo, mas a sua fé é muito forte, “a fé requer ser celebrada da mesma forma que exige ser vivida”<sup>10</sup>. Assim, seguiu com os preparativos e confiou que daria tudo certo, e deu. Ricci (2011, p. 22) vai afirmar que:

A cultura religiosa das rezadeiras do terço leva em conta outras fontes que não a Bíblia, a tradição apostólica, os concílios, o significado dos dogmas, tudo o mais que ensina o magistério da Igreja. Os casos e histórias, o que se aprende oralmente no cotidiano, no trabalho e nas reuniões de oração assumem o mesmo posto e legitimidade do qual desfrutam os elementos que a Igreja julga como o correto e o verdadeiro em questões de fé. Disso decorre uma ampliação do que é considerado sagrado por parte dos fiéis”.

Elementos estes que foram passados e são vivenciados e valorizados todos os anos, a fim de manter a tradição e a fé no que acredita. A palavra reza tem como significado, “as orações populares rezadas pelos rezadores ou benzedores para curar doenças, pedir proteção e saúde para as pessoas que os procuram” (THEOTONIO, 2008, p. 2). Este significado da palavra reza não deixa de ser correto também na comunidade. As rezadeiras também o fazem, por esse motivo são chamadas de rezadeiras. Wanderleia dos Santos Rosa (2013, p. 23) destaca que:

A religião católica foi trazida para o Brasil por missionários e, principalmente, por famílias portuguesas. Essas famílias ensinavam aos filhos os ritos católicos, promoviam festas, construíam capelas, organizavam irmandades e confrarias. Os negros escravizados também foram obrigados a aceitar o catolicismo, mas mesclaram costumes e religiões de seus antepassados, promovendo o que chamamos de sincretismo religioso, com características próprias da cultura afro-brasileira que se formava no Brasil e que ajudou a construir sua identidade cultural.

A comunidade Barra do Aroeira, a cultura das rezadeiras, traz consigo também traços da religião Católica<sup>11</sup>, mas sempre com sua cultura afro que foi aprendida com seus antepassados.

---

<sup>9</sup> Cf. AUGÉ, Matias – Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 87 (apud PINTO, 2020, p. 60).

<sup>10</sup> Cf. AUGÉ, Matias – Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade, p. 87 (apud PINTO, 2020, p. 60).

<sup>11</sup> Religião Católica



Imagem 04 - Reza - Eva e sua família. Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

A prática da pesquisa de campo na comunidade trouxe a riqueza de expressões, jeitos de falas, de reagir e interagir nos dias de reza. Todo este emaranhado de informações é importante para o trabalho na educação e também para as práticas artísticas. No campo da educação, percebo a necessidade de falar destes saberes, fortalecendo estas práticas em mim e na comunidade. Nas práticas artísticas, me deparo com gestos, simbologias, personalidades expressões, visualidades e sonoridades singulares e que exigem um respeito quando usadas. Acredito que no experimento que realizei, o meu lugar também é híbrido e está entre a quilombola, a professora, a atriz e a performer. O que surge desta mistura deixo para o tempo nomear.

## 2. PERCURSO DO TRABALHO AUTOBIOGRÁFICO COM PRÁTICAS CULTURAIS

A cena nos dias atuais ganha novas possibilidades poéticas, de percursos, produtores, agentes, meios de apresentação e espectadores. O caminho autobiográfico foi uma escolha na tentativa de ampliar as vozes da cena. Este estudo dialoga com pesquisas que buscam desvios, movimentos, passagens que evidenciam outros agentes de narrativas e uma cena muitas vezes invisibilizada, como esclarece Malveira (2015, p. 152):

No contexto contemporâneo, as brisuras são como relevos-desvios das armadilhas do pensamento racionalista e eurocêntrico que estavam e/ou ainda estão na base do pensamento científico. Devemos lembrar que, muitas vezes, as teorias, as interpretações e as leituras da arte têm como parâmetro os cânones artísticos

ocidentais, que desconsideravam os processos híbridos e as teatralidades que estavam fora desses padrões.

Neste momento, começo a descrever as etapas do meu processo autobiográfico em práticas culturais, descrevendo todo o processo,

[...] que considera a pesquisa autobiográfica a metodologia com potencialidades de diálogo entre o individual e o sociocultural, pois "põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos" (MOITA, 1995 apud ABRAHÃO, 2004, p. 81).

O processo em si já é bem desafiador, porém foi totalmente novo dentro das minhas experiências. Pude evidenciar um processo híbrido que fez surgir uma cena que traz saberes da cena e da cultura da comunidade Barra da Aroeira.

Nos primeiros encontros de orientação para o experimento, na preparação para pensar em uma cena, pude trazer lembranças, memórias do dia da reza de São Sebastião. Naquele início não tinha ideia de como e por onde começar. Nossos encontros de orientação<sup>12</sup> teóricos e práticos de processo foram através de videochamada para a comunicação a distância de forma síncrona no contexto de distanciamento na pandemia. Aos poucos fomos experimentando uma ação aqui e um olhar ali, a escolha de elementos, o colocar de objetos significativos na mesa que seria o altar, sem toalha, testando entradas e saídas de cena. O professor orientador, sugeriu que eu fosse o mais natural possível, para chegar numa cena que representasse as minhas memórias e as ideias do lugar. Antes de cada encontro didático eu recebia do orientador alguns estímulos, hora ou outra recebia indicações como: canta uma música, fala com alguém, pede alguma coisa para colocar no altar. No primeiro momento, não sei se era nervosismo ou um longo tempo sem entrar em cena, estava achando muito difícil e ficava pensando, no que fazer, qual o próximo passo, aos poucos fui inserindo objetos que sentia à vontade de acordo com as lembranças e a cena. Segundo Abrahão (2004, p. 85), "o estudo autobiográfico é uma construção da qual participa o próprio investigador [...]".

O cenário da reza para o experimento foi pensado a partir dos ambientes da reza, sabíamos que não tinha como ser igual, por isso procurei trazer as referências das muitas rezas que participei. Quanto às ações dos devotos, busquei produzir ao máximo as movimentações da organização e reza, sempre buscando as potências do gesto, ou seja, olhar as mãos em sinal de fé e além de me perceber no lugar. Antes de praticar qualquer cena fizemos exercícios, alongamentos, para deixar o corpo pronto e disponível para buscar qualidade nos movimentos na cena. Assim as provocações iam surgindo através da tela com o orientador que pedia: monte o altar, cante, reze, se não souber rezar ou cantar, apenas cantarole. Depois de um

---

<sup>12</sup> Refiro-me ao trabalho com o Prof. Dr. Ricardo Malveira, orientador deste trabalho de conclusão de curso.

tempo comecei a ficar mais atenta às músicas percebendo suas mensagens e a riqueza das vozes envolvidas. Utilizamos áudios que foram gravados durante a reza, para sentir as muitas vozes e o clima da reza. Aos poucos, fui organizando diretamente os acontecimentos da reza, fazendo e experimentando. O roteiro inicial foi anotado pelo professor orientador, para que percebesse as ações que desenvolvi no encontro e lembrasse como estava ficando na cena, e posteriormente pudesse ir mudando conforme minha vontade. As videochamadas eram gravadas e ao assistir uma das cenas que fiz, senti que faltava alguma coisa. Ao observar as ações, parecia que estava apenas fazendo uma cena qualquer, sem propósito, sem expressão, sem movimento, sem emoção, cabeça baixa, sem postura, tímida. Ao ver as imagens algumas vezes depois dos ensaios, continuei incomodada com as ações porque não pareciam interessantes, ou pelo menos do jeito que queria que fosse. Continuei a tentar, sempre acrescentando intenções e mudando o que era possível de acordo com as minhas impressões da reza e das pessoas que participavam. A partir destes experimentos iniciais, pude perceber a riqueza e complexidade da cultura popular e reforçou minha motivação de mergulhar em minhas memórias da reza de São Sebastião.

## 2.1 De volta à reza



Imagem 05 - Local escolhido para realizar a reza, 2021. Fonte: Arquivo pessoal

Na continuidade do trabalho prático da pesquisa foi necessário revisitar os registros que fiz da reza no ano anterior (2020), na tentativa de perceber outras dimensões que

poderiam contribuir para a minha cena híbrida. Algo que chamou minha atenção foi a mudança de local. Anteriormente, o altar era montado na sala da casa de tia Eva. Na imagem anterior, vê-se que o local escolhido para a reza em 2021, levando em conta a pandemia, foi modificado para o lado de fora da casa, ao ar livre.

Para o desenvolvimento deste trabalho de cunho autobiográfico, realizei uma pesquisa de campo no Povoado Barra do Aroeira, na reza de São Sebastião, entre os dias 19 e 20 de janeiro de 2021. É sempre uma imensa alegria retornar ao povoado, me faz voltar ao passado, ainda quando era criança. Chegar e encontrar todos em meio à preparação para a reza.



Imagem 06 - Quintais vassorados. Fonte: Arquivo pessoal

Cheguei um dia antes na comunidade Barra do Aroeira e a família estava toda reunida, já nos preparativos. Eva estava me contando que pensou muito sobre fazer ou não a reza esse ano, por causa da pandemia, mas ela disse que tinha que rezar, nem que fosse só a família ali reunida. Ela tinha que manter a promessa. Por isso todos usavam máscaras. Todos os anos fico encarregada de fazer uma pequena compra de alimentos que são mais baratos na cidade, como verduras, copos descartáveis, foguetes e esse ano não foi diferente.

O momento de organização tanto das comidas, quanto dos espaços da reza, é um momento de união. Cada um ajuda como pode, seja no corte da carne, fazendo bolos e até mesmo buscando lenha, todos envolvidos para que a reza possa acontecer, e fazem com muito gosto.



Imagem 07 - Evanilsa fazendo macarrão - Tacho com Canjica. Fonte: Arquivo pessoal

Estas ações cotidianas alteradas já são o estado da reza e trazem para nosso olhar o pensamento ampliado da etnocologia que, para além das artes conhecidas e consagradas, entende a importância de “outras práticas e comportamentos humanos espetaculares organizados e, até as formas de vida cotidiana, quando pensadas enquanto fenômenos espetaculares” (BIÃO, 2007, p. 23). Meu experimento também compreende este olhar, entendendo as práticas da minha comunidade e a partir delas propor outros lugares de cena.



Imagem 08 - Salada e rosca frita. Fonte: Arquivo pessoal

Retornar à reza foi importante para minha pesquisa de campo, por mais que estivesse inserida ali ajudando nos afazeres, estava atenta aos detalhes e também às histórias que surgem em meio ao trabalho, quando estão todos juntos, lembrando do passado, dos que já se foram e tantos outros acontecimentos que formam as histórias pessoais e da comunidade.



Imagem 09 - Montando o altar. Fonte: Arquivo pessoal

Um instante antes de começar a colocar o altar, arrumam o quarto e os santos, no dormitório da minha tia. Essa preparação é para que os santos fiquem em cima da cama, esperando para serem levados ao altar. Na hora de montar o altar, minha tia Eva, suas filhas e netas, começam a arrumar o espaço onde será montado. Em uma mesa, forram com uma toalha e colocam uma cortina na parede, colocam flores e acendem as velas e está pronto o altar da Reza. Só à espera dos santos. No instante de começar a rezar, o pessoal se reúne perto do altar montado.



Imagem 10 - Eva chamando para rezar - Saída com o Santo. Fonte: Arquivo pessoal

Eva sai do quarto com uma lamparina em uma mão e o santo na outra, os outros santos com as filhas, e cantando, chamando o povo para rezar: “Vamos rezar o terço que eu também quero ajudar”. Os santos são colocados no altar e logo começam a rezar o terço

cantado. Soltam os foguetes. A reza tem uma duração de mais ou menos uma hora e meia. São três momentos para soltar os foguetes, no começo, perto do final (reza do santo) e quando acabar de rezar. Nesta última reza como choveu durante a reza, teve um problema com foguete, molhou e acabou estourando bem perto do altar. É assim: sempre acontece algo novo. O almoço é servido e todos fazem uma fila enorme, só não as rezadeiras, que comem separadamente para não pegar fila. A comida é muito gostosa, são muitos elogios para tia Eva. Depois que passa a reza e o almoço, tem um costume de fazer um amigo lembrança (amigo secreto) e amigo bombom (para as crianças), mas esse ano não foi possível por causa da pandemia. Nos anos anteriores, participam mais de 100 pessoas. A reza significa muito para mim, pelo fato de minha mãe ter nos levado e ter nos inserido nela desde criança.

## **2.2 Uma cena da reza a partir do trabalho de poética híbrida**

As práticas culturais da reza de São Sebastião me levaram através de rastros metodológicos, para um processo criativo de cena, usando memórias, registros e reflexões acerca do caminho híbrido, em meio as etapas percorridas, e assim fizeram chegar até aqui, segundo Lírio (2015, p. 41)

As poéticas contemporâneas, quaisquer que sejam os contextos, têm se revelado como espaço-tempo de investigação e investimento no rompimento de fronteiras entre linguagens. Essa perspectiva também se faz pertinente para refletir acerca das Poéticas Híbridas, principalmente no que diz respeito às articulações cênicas marcadas pela autonomia dos múltiplos enunciadore do/no discurso cênico e, ainda, do rompimento de fronteiras entre linguagens e manifestações culturais espetaculares (*cultural performances*), como o Teatro e a Performance.

Minha pesquisa traz esse rompimento das fronteiras das linguagens, onde é possível identificar os campos abordados, tanto o teatro, a performance e o audiovisual. Lírio (2015, p. 41) destaca que “[...] o contemporâneo seria pensado como ‘lugar’ da construção e reconstrução de saberes, práticas e valores, numa dinâmica que hibridiza caminhos, lugares, tempos (sincrônicos, diacrônicos e anacrônicos) e sujeitos: espaço-tempo [...]”. Durante o processo, na medida que ia se desenvolvendo, cada ensaio aparecia possibilidades de fazer algo novo, seja no entrar ou sair de cena ou mostrar na percepção do meu olhar, uma reconstrução do que ali foi vivido, uma reconstrução identitária. Assim, Bhabha (1998, p. 248) destaca:

O enunciativo é um processo mais dialógico que tenta rastrear deslocamentos e realinhamentos que são resultados de antagonismos e articulações culturais - subvertendo a razão do momento hegemônico e recolocando lugares híbridos, alternativos, de negociação cultural.

Os rastros metodológicos imbricados no estudo de práticas culturais na reza de São Sebastião perpassam no espaço/tempo, que emergem numa memória reconstrutiva, que aos poucos vai se construindo.

O sincronismo na ordenação social dos símbolos é desafiado em seus próprios termos, mas as bases do embate foram deslocadas em um movimento suplementar que excede aqueles termos. Este é o movimento histórico do hibridismo como camuflagem, como uma agência contestadora, antagonista, funcionando no entre-tempo do signo/símbolo, que é o espaço intervalar entre as regras do embate. (BHABHA, 1998, p.268)

Neste caminho de puxar os fios da memória lembrei que na disciplina Matrizes Culturais da Amazônia tive o primeiro contato de trabalho com meu tema. No trabalho final da disciplina, que era ministrada também pelo meu orientador, escolhemos um dos nossos motrizes identitários para apresentar na nossa última aula “Festa”. Neste encontro, conheci muitas referências culturais do Tocantins e de outros estados apresentadas por colegas, e pude ver como eles se interessaram pela reza na Barra do Aroeira.



Imagem 11 - Composição para o altar para apresentação do trabalho da disciplina Matrizes Culturais: Lembranças. Fonte: RONALDA, 2017.

### 2.3 Diários do Experimento: Cena - Lembranças do dia de São Sebastião

Nessa parte, trago um pouco sobre meus experimentos e de como meus diários de bordo me ajudaram a elaborar toda a formação e pensamento sobre o processo de cena. Machado (2002, p. 262) afirma que, “um diário de bordo bem realizado é, portanto, algo que

documenta processos de criação, e que acaba por ganhar, como texto, ‘vida própria’, funcionando como ferramenta de concomitantes aproximação e distanciamento do trabalho processual”. Discuto os três experimentos finais que estruturaram a proposta poética de cena híbrida. Esclareço: o caráter híbrido se organiza a partir dos elementos da autobiografia de uma acadêmica de ancestralidade quilombola, da experiência como estudante de teatro, que conhece o lugar da performance e performatividades e a experiência inicial no audiovisual imposta pela pandemia de covid-19.

O primeiro experimento: Experimento realizado pela plataforma Google Meet. O espaço foi pensado para montar um altar, uma mesa e objetos representando os santos. Ao começar a cena, o altar era virado para minha pessoa, sem uma visão direta para quem estava assistindo, ou seja era eu e o altar. Ao rever as imagens, percebi que a estrutura da cena, tanto os movimentos, entradas, saídas estavam um tanto frágil, sem qualquer ligação em direção a reza, era só uma pessoa que entra e sai de cena, coloca objeto em cima de uma mesa. Nas conversas e avaliações junto ao orientador que fazíamos ao final dos encontros, apontei que a cena ainda não havia adquirido o sentido poético e de resgate das memórias que eu esperava alcançar.



Imagem 12 - Primeiro experimento de cena, na plataforma Google Meet.

O segundo experimento: Em meio aos ensaios, surgiu a ideia de um experimento com a participação do público. Na verdade foi um teste para apresentar a cena num formato diferente das cenas que estava acostumada no curso. Naquela altura da pandemia, tínhamos o espaço virtual, logo o trabalho estaria no formato do audiovisual. Como de costume, em ocasiões recebia indicações, problematizações e fui surpreendida pelo orientador que perguntou se eu estava preparada para uma live na plataforma Instagram. E realmente não

estava, porque não havíamos concluído totalmente a cena, mas topei. Com todos os problemas de conexões e dificuldade para entrar ao vivo, a cena aconteceu. Revivi aquele friozinho na barriga antes de entrar em cena nas práticas cênicas presenciais. Estar em cena e com público foi uma emoção muito forte, mostrando o meu trabalho de conclusão de curso, mesmo inacabado, foi bastante emocionante. Sem falar nas pessoas que estavam assistindo e não sabiam de nada, apenas comentavam sobre o que estava acontecendo. Na imagem seguinte podemos ver uma foto do experimento feito ao vivo.



Imagem 13 - Experimentos de cena na plataforma Instagram

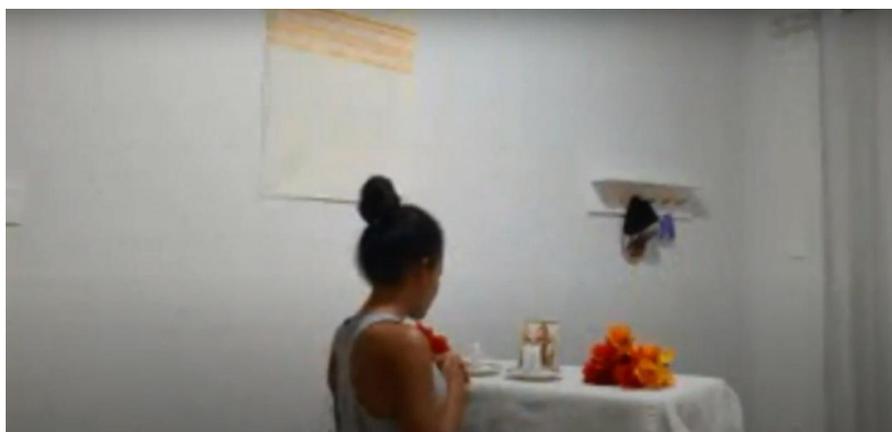


Imagem 14 - Experimentos de cena no ambiente branco

O terceiro e último experimento: antes da conclusão final da cena, fizemos um roteiro de ações que foi mudando conforme a necessidade que pedia a cena, portanto, fizemos vários testes, alguns em casas diferentes. Neste último exercício, novamente por meio da plataforma Google Meet, eu estava em um espaço branco com bastante luz, seguindo o roteiro que reestruturei (na imagem anterior). Com as provocações e orientações do professor no decorrer dos ensaios, pude perceber que precisava de um novo ângulo para as cenas, porque percebi que a mudança de perspectiva contribui para manter o espectador interessado na

imagem. Assim, além das cenas estáticas em frente ao altar, pensei em colocar o espectador no meu lugar através da posição da câmera. A imagem fica como se fosse o meu olhar, sobre as ações que estava promovendo ali, ao mostrar dessa forma, trago o espectador para o meu mais íntimo olhar, na perspectiva subjetiva de cena, comum no cinema e na televisão, na contemporaneidade.

### 3. POÉTICAS HÍBRIDAS: IMPRESSÕES E SUBJETIVIDADES

A partir das experimentações descritas no capítulo anterior, elaborei um vídeo, intitulado *Lembranças do dia de São Sebastião*<sup>13</sup>, que considero como resultado final da parte prática da pesquisa. Após finalizá-lo e assisti-lo algumas vezes, retornei a algumas problematizações e questões colocadas como objetivos da pesquisa e que vêm à tona com o nascimento da minha cena híbrida. Comecei a analisar como esta proposta contribuiu para a minha formação no sentido de colocar em prática meus conhecimentos ancestrais enquanto possibilidades de pesquisa, os meus conhecimentos acadêmicos enquanto graduanda de Licenciatura em Teatro, as possibilidades de cena em uma pandemia e como isto pode ser uma proposta que vai valorizar minha cultura, e as discussões as questões étnico-raciais no ensino e a emancipação do indivíduo em sua formação. Traz para a discussão em qual medida ações, ou estratégias como esta contribuem com a resolução Nº 1, de 17 de junho 2004 que “institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico- Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”.

Acredito que com o meu experimento, exercito o diálogo entre a minha ancestralidade e os ensinamentos do teatro. Colocando a reza de São Sebastião e seus contextos como lugar de saber possível de ser apreciado, consultado e analisado, contribui, na medida do alcance da proposta, para o fortalecimento de ações na direção das diretrizes na universidade e fora dela. Destaco dois parágrafos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, segundo o Ministério da Educação (2004, p.31-32):

§ 1º As Instituições de Ensino Superior incluirão nos conteúdos de disciplinas e atividades curriculares dos cursos que ministram, a Educação das Relações Étnico-Raciais, bem como o tratamento de questões e temáticas que dizem respeito aos afrodescendentes, nos termos explicitados no Parecer CNE/CP 3/2004.[...]

§ 3º O ensino sistemático de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

<sup>13</sup> Disponível em <<https://youtu.be/TeE-tJmW11Q>>, acesso em 27 de maio de 2021.

Nesta pesquisa, inicio de forma breve as discussões que acredito que irão nortear muitos dos meus estudos futuros, comprovando a importância da proposta de pesquisa na minha formação. Na continuidade, apresento alguns fragmentos visuais do experimento e algumas impressões importantes para a pesquisa.

Trago uma sequência de fotos, justamente para falar sobre memórias e sentimentos durante a cena. Diante dessas imagens que são chamadas de fotogramas, quando a foto é retirada do vídeo, formando uma sequência de imagens, percebo que os gestos e movimentos estão entrelaçados de memórias de uma vivência cultural.



Imagem 15 - Colocando a toalha. Fonte: Arquivo pessoal

As duas imagens trazem o começar, colocar a toalha na mesa, iniciar o processo de um altar, este que vai receber os santos, o lugar sagrado. Pinto (2020, p. 62) afirma que “o Altar é para o fiel e ao mesmo tempo, ajuda-nos a encontrar o lugar que este deverá ocupar no espaço”.



Imagem 16 - Flores e Vela. Fonte: Arquivo pessoal

As flores enfeitam a mesa deixando um ar mais puro e harmonioso. O enfeitar remete às memórias de quando era criança, se pedia para ajudar a colocar as flores na mesa, para nós era só mais uma tarefa. Hoje, vendo como uma experiência cênica, revela minha autonomia profissional, o quanto o contexto da comunidade revisitado significa para minha história de vida, e o quanto reconhecer gestos simbólicos, lugares periféricos, saberes que mostram o cuidado, lembranças e o pensar o estético e conseqüentemente a sua utilização para meu desenvolvimento pessoal, poético e também profissional.



Imagens 17 e 18 - A entrada dos Santos. Fonte: Arquivo pessoal

Na imagem anterior, vê-se uma sequência de fotogramas do experimento que traz ações e gestos que reconheço em minha história. A imagem que tenho na cabeça sobre a entrada dos santos para o local do altar é a saída de minha tia de dentro do quarto, com uma lamparina em uma das mãos e a outra segurando o santo, como já mencionei no texto. Abrahão (2004, p. 86) enfatiza: “Esse ressignificar os fatos narrados nos indica que, ao trabalharmos com memória, o estamos fazendo conscientes de que tentamos capturar o fato sabendo-o reconstruído por uma memória seletiva, intencional ou não”. Nesse sentido, busquei reconstruir elementos da reza na cena, usando o que tinha ao meu alcance, registros guardados no mais simbólico lá vivido.

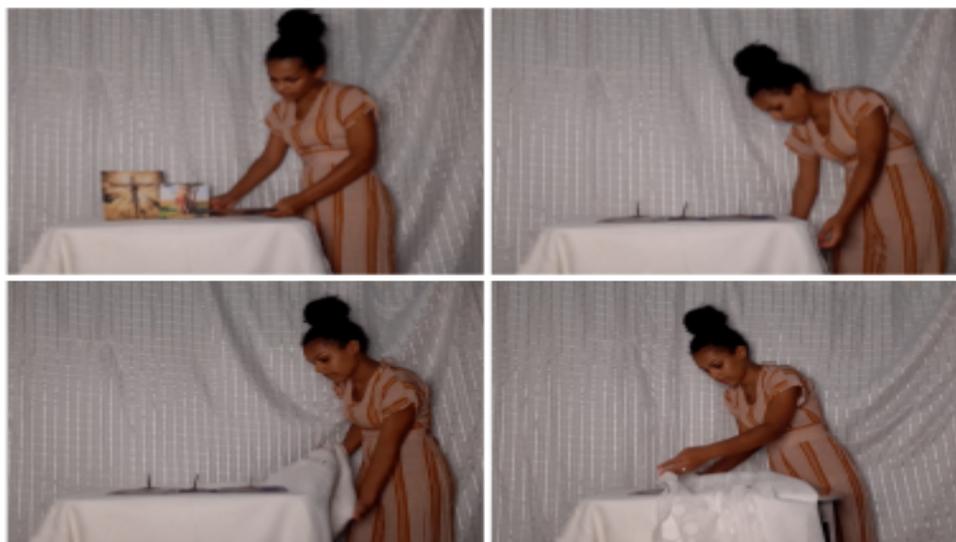


Imagem 19 - Guardar os Santos. Fonte: Arquivo pessoal

Chegou a hora de guardar os santos, momento de dever cumprido. As imagens acima, na cena, representam que a reza chegou ao fim. Percebam que eles são enrolados na toalha, e logo em seguida guardados assim como minha tia sempre faz. O ato de guardá-los assim é extremamente simbólico e, para mim, diz respeito ao carinho e respeito às divindades, o guardar os saberes, guardar os pedidos e as bênçãos.



Imagem 20 - Imagem da Câmera subjetiva no experimento. Fonte: Arquivo pessoal

Temos na sequência de imagens a escolha da perspectiva da Câmera subjetiva que coloca o espectador no meu lugar na reza.



Imagem 21 - Imagem da Câmera subjetiva no experimento - luzes para os Santos. Fonte: Arquivo pessoal

Nas imagens da cena, trago meu mais íntimo olhar, para os detalhes do altar, a delicadeza do acender a vela e entender que o momento agora é sagrado, com a luz acesa tudo muda, as cores, a imagem, o olhar, o quanto isso é importante na minha história de vida.



Imagem 22 - Imagem da Câmera subjetiva no experimento. Fonte: Arquivo pessoal

Segundo Oliveira (2007, p. 259), “Olhar é um treino de sensibilidade. Aguça-se a sensibilidade para perceber o encanto que tece as coisas”. A beleza nos pequenos detalhes, para ver precisa abrir os olhos. As práticas híbridas de cena me possibilitaram enxergar novos caminhos para a formação profissional, entrelaçando linguagens e vendo a prática docente de outra forma. Segundo Oliveira (2007, p. 259), “Educar é conhecer a partir das referências culturais que estão no horizonte de minha história (ancestralidade)”. Por isso a importância de trazer para meu estudo o quanto a cultura da minha comunidade, da minha terra, pode contribuir e ter um significado a mais para as práticas docentes futuras. A educação precisa

desses lugares, desses saberes, dessas culturas para entender e valorizar a história do outro, o lugar do outro. Oliveira (2007, p. 257) afirma ainda que “a ancestralidade é um território sobre o qual se dão trocas de experiência: sígnicas, materiais, linguísticas etc.” Esse mesmo território é o que move e constrói a história de cada um. Fazendo com que seja visto e valorizado. Lírio (2015, p.46) reforça que:

É preciso investir em processos pedagógicos nos quais se instaure um transbordamento das fronteiras disciplinares, considerando uma aprendizagem processual, dinâmica e que envolve troca de experiências e saberes, que provoca outros cruzamentos e fricções entre os Estudos da Performance e a Pedagogia Teatral.

Quanto mais investimos em novos processos, em novas experiências, mais buscamos um novo olhar sobre as coisas, a educação se transforma e nós florescemos juntos. E é por isso que devemos continuar lutando e desbravando os caminhos mais diversos. Buscar o conhecimento nunca é em vão. Oliveira (2007, p. 280) acredita que: “A sabedoria é uma produção ancestral; um conhecimento coletivo! Ela brota da terra – da experiência dos antepassados, e nutre a vida comunitária, dela se nutrindo”. Produção essa que nos move, que nos mantém firmes e nos faz ter orgulho de quem somos, de onde viemos.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, pude trazer a tradição do terço cantado na reza de São Sebastião, um pouco sobre minha identidade, história de vida, minha ancestralidade, um povo que guarda muita riqueza nos saberes, cheios de muita fé. Conhecendo o universo da reza, os registros, memórias, e elementos fundamentais e significativos para o embasamento da pesquisa foram um ponto chave. O processo de construção da cena híbrida me possibilitou um olhar diferente para minha formação, um olhar que nos faz entender o outro e nos faz perceber que a cultura é importantíssima, rica e necessária. As contribuições atribuídas a este trabalho são as de valorização da minha cultura, o meu processo autobiográfico que vai inspirar outras gerações, mantendo o olhar atento no outro e aos pequenos detalhes que fazem toda diferença numa prática docente. Todos os processos deste trabalho, tanto da escrita como da pesquisa, foram desafiadores nessa reta final e que me fizeram crescer como pessoa e também como futura educadora de teatro. O quanto foi importante passar por cada etapa, lembrando histórias e descobrindo possibilidades de avançar ainda mais.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Pesquisa (Auto) Biográfica–tempo, Memória E Narrativas. In: **A Aventura (Auto) Biográfica: Teoria E Empiria**. Porto Alegre: Edipucrs, p. 69-96, 2004. Disponível Em: <<https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223/pdf>>

BHABHA, Homi K. **O Local Da Cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BIÃO, Armindo Jorge de Carvalho. **Artes do corpo e do espetáculo: questões de etnocenologia**. Salvador: P&A Editora, 2007.

LÍRIO, Vinícius da Silva. Poéticas da sala de aula: processos de criação e aprendizagem entre o teatro e a performance. **TEATRO: criação e construção de conhecimento** [online], v.3, n.4, pp. 41-49, Palmas/TO, jan/jun. 2015. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/teatro3c/article/view/1467/8366>>

MACHADO, M. M. O “Diário de Bordo” como ferramenta fenomenológica para o pesquisador em Artes Cênicas. **Sala Preta**, São Paulo, v. 2, p. 260-263, 2002.

MALVEIRA, Ricardo Ribeiro. **Teatralituras: escrituras (en)cena do Catopê**. (Tese), Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Ministério da Educação. Brasília, DF, 2004.

NASCIMENTO, Dóbia Pereira dos Santos e PAULA, Maria Helena de. “O Continuum Entre Oralidade E Escrita No Terço Cantado Da Comunidade Tambiocó Em Catalão-GO”. In: **XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Anais...** Rio De Janeiro, 2014, pp. 299-316.

NASCIMENTO, D. P. S. **Terço cantado da comunidade Tambioco em Catalao - GO: um estudo do continuum entre oralidade e escrita**. 2015. 109 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão.

OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: corpo de mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular 2007.

PINTO, Carlos Alexandre Alves. **O Altar: que lugar, que presença? Espacialidade litúrgica e renovação eclesial pós-conciliar**. Dissertação (mestrado) - Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Teologia, 2020.

RICCI, Maurício. **Nós, os degredados filhos de Eva: angústia religiosa e alteridade entre rezadeiras do terço**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106245>>.

RODRIGUES, Claudionor Lucas. **Concepção de Cultura e a Riqueza das Diversidades Culturais (das Culturas) em Antropologia Estrutural de Claude Lévi Strauss**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Centro de Estudos Superiores Mater Dei, Curso de Filosofia, Palmas, 2017.

ROSA, Wanderléia dos Santos. **Rezas, rezadeiras e juventude na comunidade Vão de Almas, Cavalcante-GO**. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade de Brasília, Faculdade UnB Planaltina - Educação do Campo, 2013. Disponível em: <[https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7320/1/2013\\_WaderleiaDosSantosRosa.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7320/1/2013_WaderleiaDosSantosRosa.pdf)>

SANTOS, Hellen Thaís; GARMS, Gilza Maria Zauhy. “Método autobiográfico e metodologia de narrativas: contribuições, especificidades e possibilidades para pesquisa e formação pessoal/profissional de professores”. In: **Congresso Nacional de Formação de Professores, Anais...** Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2014. p. 4094-4106.

SILVA, Marcos. **Dicionário Crítico Câmara Cascudo**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

THEOTONIO, Andrea Carla Rodrigues. Práticas de rezas: oralidade e cultura no cotidiano das rezadeiras. In: **XVIII Encontro Estadual de História da Paraíba, Anais...** Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), 2008, p. -1-7. Disponível em <[http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/ST%2011%20-%20Andrea%20Carla%20Rodrigues%20Theotonio%20TC.PDF](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2011%20-%20Andrea%20Carla%20Rodrigues%20Theotonio%20TC.PDF)>, acesso em maio de 2021.